



Turismo no rumo da Sociedade 5.0: um chamado à co-responsabilidade

Vitor João Ramos Alves¹; 0000-0002-2548-7340

1 – Turismólogo, licenciado em História, mestre em Turismo e doutor em Geografia.
vitorjoaoramosalves@gmail.com

Resumo: O presente trabalho discute os desafios do turismo na atual Sociedade 4.0, que está em fase de transição para a Sociedade 5.0, a partir de uma pesquisa qualitativa, do tipo descritiva, de enfoque crítico-histórico-estrutural, a partir de uma revisão bibliográfica. Perpassa teoricamente a respeito das metamorfoses sociológicas que originaram as teorias sobre a futura Sociedade 5.0 e apresenta como resultado uma proposta sistêmica para o saber e o fazer turismo. Entende-se que, nesta sociedade que propõe uma fusão entre o ciberespaço e o espaço físico, faz-se necessário um turismo a partir da co-responsabilidade e ajustado às diretrizes do saber cuidar, tendo a ética do humano como parte integrante do debate.

Palavras-chave: Turismo. Sociedade 5.0. Co-responsabilidade. Cuidado. Ética do Humano.

INTRODUÇÃO

Edgar Morin (2005), em sua obra “Terra-Pátria”, apresenta uma perspectiva para a compreensão da complexa rede social contemporânea. Nesta obra, o autor contribui com uma análise histórica das “metamorfoses sociológicas da sociedade” e apresenta uma preocupação com o futuro que está em construção.

Conforme o autor, deveríamos nos ater às diversas formas de organização social surgidas no tempo histórico, desde o Egito faraônico até as democracias e os totalitarismos contemporâneos, como “emergências de virtualidades antro-po-sociais”, as quais considerariam “as individualidades (...) como a concretização, a atualização das potencialidades do *Homo sapiens-demens*” (MORIN, 2005, p. 17).

Neste contexto, é possível associar as análises sistêmicas de Morin (2005) com as classificações sociais que deram origem às teorias sobre a Sociedade 5.0, e pensar os possíveis desafios do turismo na atual Sociedade 4.0, rumo a Sociedade 5.0, a partir da ética do humano. Entende-se que os principais conceitos que guiam este trabalho (Sociedade 5.0, Turismo e Ética do Humano) são de ampla complexidade e merecem um cuidado mais criterioso. Assim, as abordagens aqui apresentadas são iniciais e poderão avançar a partir de outros diálogos viáveis.





MÉTODOS

Ao compreender o turismo enquanto fenômeno humano e uma ciência social aplicada, adota-se neste trabalho a pesquisa qualitativa, do tipo descritiva, de enfoque crítico-histórico-estrutural (TRIVIÑOS, 2006), a partir de uma revisão bibliográfica. Essa alternativa metodológica se utiliza da “dialética da realidade social, que parte da necessidade de conhecer (por meio de percepções, reflexão e intuição) a realidade para transformá-la em processos contextuais e dinâmicos complexos” (TRIVIÑOS, 2006, p. 117). Considera-se como principais fontes as abordagens dos autores relacionados no Quadro 1, pois contribuem para um olhar crítico dos conceitos.

Quadro 1 - Quadro teórico dos principais conceitos e autores

Sociedade 5.0	Elias Andrade (2020), Orlando Merluzzi (2018) e Ricardo Reis (2020).
Turismo	Jost Krippendorf (2009), Mario Carlos Beni (2004) e Marutschka Martini Moesch (2013).
Ética do Humano	Leonardo Boff (2003, 2007).

Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

Justificam-se estas escolhas por compreender que as pesquisas de natureza qualitativa carregam em si um tipo de objetividade e de validade conceitual que permitem o desenvolvimento do pensamento científico e a proposição de soluções aos problemas existentes na sociedade contemporânea (TRIVIÑOS, 2006).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

1. As metamorfoses sociológicas que originaram a Sociedade 5.0

Segundo Andrade (2020), Merluzzi (2018) e Reis (2020), o conceito de Sociedade 5.0 se constituiu pelas teorias sobre a evolução dos modelos de sociedade, desde os primórdios. Ela teve sua origem a partir do conceito de Sociedade Super Inteligente (*Super Smart Society 5.0*), apresentado pelo governo do Japão, em 2016, na busca por uma sociedade centrada na informação, no ser humano e em suas problemáticas, de forma integrada e sistêmica, rumo à prosperidade (MERLUZZI, 2018).

O primeiro modelo, identificado como “Sociedade 1.0”, se caracterizou pelo posicionamento “caçador-coletor e nômade” dos indivíduos. Conforme Morin (2005, p.



15), essa sociedade “arcaica” surgiu e se espalhou pelas terras durante dezenas de milhares de anos. As civilizações “Tornaram-se estranhas umas às outras pela distância, a linguagem, os ritos, as crenças, os costumes (...), umas abertas e liberais, outras fechadas e coercitivas, umas com autoridade difusa ou coletiva, outras com autoridade concentrada”.

A partir dos desenvolvimentos urbanos e rurais, surge a Sociedade 2.0, caracterizada pela produção agrária e pela organização em Estados. Segundo Morin (2005, p. 15):

(...) as pequenas sociedades sem agricultura, sem Estado, sem cidade, sem exército, dão lugar a centros urbanos, reinos e impérios de várias dezenas de milhares, depois centenas de milhares e milhões de súditos, com agricultura, cidades, Estado, divisão de trabalho, classes sociais, guerra, escravidão, mais tarde grandes religiões e grandes civilizações.

Com o avanço das técnicas e indústrias, intensificada pela Revolução Industrial (1820-1840), a sociedade avança para a produção em massa e as relações de consumo, as quais deram origem a Sociedade 3.0. Morin (2005, p. 23), nos ajuda a compreender que o início desse modelo de sociedade parte da caracterização histórica de invasão, escravização e exploração feita pelos europeus nas Américas, período também denominado pelo autor como a “idade de ferro planetária”, a qual seus efeitos estão presentes na sociedade até hoje, como o racismo, o sexismo, a xenofobia, a lgbtqiap+fobia, entre outros. Outra característica desse modelo de sociedade está no avanço do poder bélico autodestrutivo, materializado pela I Guerra Mundial (1914-1918), II Guerra Mundial (1939-1945) e Guerra Fria (1947-1991). Importante destacar que esse poder bélico avança pelo modelo da Sociedade 4.0 e contribui para a invasão do Kuwait e a Guerra do Golfo (1991-1992), juntamente com a atual Guerra entre Rússia e Ucrânia (iniciada em 2022), que segue 2023 com uma ameaça nuclear global.

Assim, com o avanço tecnológico, a globalização da internet e o adentrar à era da informação, surge a Sociedade 4.0, ainda vigente, marcada pela mundialização econômica e o rompimento das distâncias e fronteiras territoriais.

Nesta sociedade, dialogando com Morin (2005, pp. 34-35), “Não apenas cada parte do mundo faz cada vez mais parte do mundo, mas o mundo enquanto todo está cada vez mais presente em cada uma de suas partes. Isso se verifica não só para as nações





e os povos, mas também para os indivíduos”. Ou seja, cada indivíduo recebe, consome e compartilha informações, instantaneamente, desde e para o mundo todo. Reis (2020, p.11) contribui para a descrição da atual Sociedade 4.0 ao apresentar que este modelo “aparece com o desenvolvimento da Internet e das TIC (Tecnologias da Informação e Comunicação), conhecida como era da informação, ou sob uma visão mais integral, era do conhecimento”. Sua origem está muito associada com a “indústria 4.0”, ou seja, um plano estratégico criado na Alemanha, em 2011, para o desenvolvimento do país até 2020, e que foi copiado pelos chineses como um plano de dez anos chamado “Made in China 2025”, a fim de tornar a China um líder global em tecnologia da informação, transporte, geração de energia limpa, biomedicina e de máquinas agrícolas (MERLUZZI, 2018).

Já Andrade (2020) e Reis (2020) apresentam que o Japão, desde 2013, vem avançando com o conceito de Sociedade 4.0 e já investe em um modelo de sociedade no qual a tecnologia esteja “totalmente” a serviço do ser humano, propondo uma simbiose do homem como os sistemas inteligentes, ou seja, uma fusão entre o ciberespaço e espaço físico. Conforme Reis (2020), em 2016, no contexto do 5º Plano Básico de Ciência e Tecnologia, o país vem pesquisando outras formas de projetar o desenvolvimento científico e das tecnologias da informação para a qualidade de vida do ser humano. Assim, essa futura sociedade, ainda sendo pensada, passará a ser reconhecida como a Sociedade 5.0, baseada na interação e conexão sistêmica do humano e da era da informação, a fim de atender a resolução de seus problemas, inclusive oportunizando novas formas de trabalho. Andrade (2005, p. 11) reforça que “Conectividade, imaginação e criatividade são as palavras chaves para essa nova jornada da humanidade”.

2. Proposta sistêmica para o saber e o fazer turismo na Sociedade 5.0

“A sociedade humana, outrora tão sedentária, pôs-se em movimento”, inicia Krippendorf (2009, p. 9) o seu tratado sobre a “Sociologia do Turismo”. Hoje, as nações industriais aproveitam todas as possibilidades para fugir da rotina diária massificante do trabalho e viajar. O trabalho se faz cada vez mais mecanizado, automatizado, robotizado, provocando tédio, esgotamento físico e psíquico, estresse





e vazio existencial. Assim, apresenta o autor, “o grande êxodo das massas que caracteriza a nossa época é consequência das condições geradas pelo desenvolvimento da nossa sociedade industrial” (KRIPPENDORF, 2009, p. 11). O turismo, neste sentido, é entendido como uma escolha ou necessidade da sociedade em buscar a saúde mental, como uma terapia, um efeito estabilizador sobre o cansaço da modernidade. Surge como “A consequência e, simultaneamente, um componente do sistema social industrial, da organização dos seres humanos e da civilização moderna”, descreve Krippendorf (2009, p. 18).

A história do turismo, portanto, inicia-se na sociedade 3.0, como consequência da sociedade industrial e do capitalismo. Segundo Moesch (2013), o turismo avança como prática de lazer a partir de 1960, envolvendo milhões de pessoas e transformando-se em fenômeno econômico, com destaque no mercado financeiro internacional. Para a autora, “A relação do contexto histórico pós-guerra e o crescimento dos fluxos turísticos determinam o reducionismo em seu tratamento epistemológico” (MOESCH, 2013, p. 10). O turismo, assim, é reduzido a uma atividade econômica e pensado por meio de produções e abordagens mercadológicas.

Entretanto, Moesch (2013) nos convida (estudantes, pesquisadores e gestores do turismo) a uma ruptura epistemológica das concepções deterministas, até então consagradas, quando considerarmos o turismo como fenômeno humano e objeto de conhecimento. Para tanto, exige-nos um posicionamento de “resistência à submissão da realidade mercadológica” do saber e fazer turístico, a partir de uma “reconstrução das categorias economia, tempo, espaço, sujeito, comunicação, diversão, tecnologia, ideologia, imaginário e pós-modernidade” (MOESCH, 2013, p. 12).

Ao pensar o turismo no rumo da Sociedade 5.0, a qual se propõe à interação e conexão sistêmica do ser humano com a era da informação, destaca-se em Beni (2004, p. 11) uma tendência de crescimento do turismo com “motivação no reencontro com a natureza, de caráter familiar e bem intimista nas relações do turismo com o meio ambiente”. Uma busca pelo “turismo endógeno”, como denomina Beni (2004), ou seja, turismo em “áreas locais com expressivo patrimônio histórico-étnico-cultural, em que podem ser vivenciadas experiências mais autênticas e genuínas, sem





interferência de cunho comercial ou da opressão da obrigatoriedade do consumo” (BENI, 2004, p. 11).

A partir dessa tendência e motivação dos turistas, em busca do “turismo endógeno”, reconhece-se a urgência de se corporificar uma proposta sistêmica para o saber e o fazer turismo, pautada na co-responsabilidade, aplicando as diretrizes do “saber cuidar”, ou seja, com base na “ética do humano” (BOFF, 2003, 2007).

Conforme apresenta Boff (2003), a ética pertence à natureza humana e se consolida por meio de práticas que se fazem eficazes. A ética de natureza universal configura “a atitude de responsabilidade e de cuidado com a vida, com a convivência societária, com a preservação da Terra, com cada um dos seres nela existentes e com a identificação de um derradeiro sentido do universo” (BOFF, 2003, p. 21).

Nesse sentido, faz-se urgente o desafio de saber e fazer o turismo ajustado ao “cuidado”, nessa ética do humano que propõe novos comportamentos, os quais “a pessoa sai de si e centra-se no outro com desvelo e solicitude” (BOFF, 2007, p. 91). Essa postura ética deve estabelecer uma base co-responsável, da qual todos participam e se responsabilizam por suas ações, na compreensão de que todos são partes do todo e se correlacionam entre si (MORIN, 2005).

Portanto, faz-se necessário a superação do paradigma moderno que reduz e fraciona (ao viés econômico e mercadológico) a compreensão do turismo, entendendo-o como um fenômeno humano, sistêmico e complexo, a ser pautado pela ética do humano.

CONCLUSÕES

A construção do conhecimento e a práxis do turismo requer um movimento integrado e sistêmico, com ênfase nas observações de possíveis consequências sobre as questões sociais, ambientais, políticas e, então, econômicas do fenômeno, desde o local ao global. Por essa complexidade, entende-se necessário a consolidação de uma proposta sistêmica para saber e fazer turismo pautada na co-responsabilidade e ajustada às diretrizes do saber “cuidar”, ou seja, com base na ética do humano.

Assim, este trabalho não se encerra por aqui. Exige-nos um movimento de revisar os conceitos e aplicá-los, a fim de reviver a esperança de transformar a realidade, a partir do turismo, durante nossa presença no mundo.





AGRADECIMENTOS

Ficam aqui registrados os agradecimentos ao Centro de Excelência em Turismo da Universidade de Brasília (CET/UnB), por toda a construção do conhecimento do turismo (entendido aqui como ciência e fenômeno social) durante o meu mestrado.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Elias S. Desenvolvimento Sustentável e Sociedade 5.0: Rumo à Felicidade e ao Bem-Estar. **Revista Humanitaris**, v. 2, n. 2, 2020. Disponível em: www.icepsc.com.br/ojs/index.php/revistahumanitaris/article/view/420

BENI, Mário Carlos. Um outro turismo é possível? A recriação de uma nova ética. In: Susana Gastal & Marutschka M. Moesch (orgs.). **Um outro turismo é possível**. São Paulo: Contexto, 2004.

BOFF, Leonardo. **Ethos Mundial**. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.

BOFF, Leonardo. **Saber cuidar: ética do humano - compaixão pela terra**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

KRIPPENDORF, Jost. **Sociologia do Turismo: para uma nova compreensão do lazer e das viagens**. São Paulo: Aleph, 2009.

MERLUZZI, Orlando. A Sociedade 5.0, a Indústria 4.0 e o Brasil com 40 anos de atraso. In: Orlando Merluzzi (Org.). Blog at WordPress.com. **Tendências, Tecnologia e Gestão**, Jun., 2018. Disponível em <https://oleodieselnaveia.com/2018/06/02/a-sociedade-5-0-a-industria-4-0-e-o-brasil-com-40-anos-de-atraso/>

MOESCH, Marutschka M. O lugar da experiência e da razão na origem do conhecimento do turismo. **Revista Cenário**, v. 1, n. 1, Dez., 2013. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/revistacenario/article/view/15206/22268>

MORIN, Edgar. **Terra-Pátria**. Porto Alegre: Sulina, 2005.

REIS, Ricardo. Desafios para o Brasil construir sua Sociedade 5.0. **Computação Brasil**, n. 43, Nov., 2020. Disponível em: <https://sol.sbc.org.br/journals/index.php/comp-br/article/view/1790>

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 2006.

